

# Governo trocará o

mia

Ivaldo Cavalcante

29/3/87, DOMINGO • 5

# 270 Cruzado pelas OTNs

Augusto de Freitas  
Editoria de Economia

A indexação geral da economia, através da oficialização de uma nova moeda, que seria a Obrigação do Tesouro Nacional (OTN), acompanhada de um ajuste drástico do setor público e a complementação do realinhamento de preço. Estes são os pontos básicos que regem o novo Plano de Estabilização Econômica do governo encorajado pelo presidente José Sarney aos economistas Périco Arida e André Lara Resende, tidos como pais do Plano Cruzado, à revelia do ministro da Fazenda, Dílson Funaro, e de seus fiéis escudeiros, Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo e João Manoel Cardoso de Mello.

Este será, em suma, o plano que o presidente do Banco Central, Francisco Góes, deverá apresentar à banca de credores internacionais para renegociar as dívidas de curto prazo do país, com o vencimento no final deste mês, somando 15 bilhões de dólares. Será algo como os planos apresentados pelo ex-ministro Delfim Netto como "cartas de intenções", a serem cumpridas se o país alcançar um bom desempenho na sua balança comercial, o que depende essencialmente dos países importadores. A única diferença é que não passamos mais pelo crivo do Fundo Monetário Internacional, o temível FMI e, portanto, não nos comprometemos a enviar "cartas perdão", em caso de fracasso.

Até o final deste semestre, com ou sem plano, o governo Sarney estará lutando para implementar políticos de curto prazo, para evitar os riscos da recessão. Os preços dos produtos continuarão oscilando, fazendo "marola", para se fixarem em novo patamar após a fase de realinhamento geral, e o "gatilho" salarial continuará disparando para reajustar os ganhos sempre que a inflação alcançar os 20 por cento. Mas já está em curso uma política de estabilização que se refere na redução do consumo. Três fatores, porém, atuam de forma anticíclica para evitar a recessão:

1 — garantia de reajuste salarial automático pelo "gatilho";

2 — a safra agrícola que con-



Périco Arida e André Lara Resende serão os "pais" no novo plano  
trabalançará a tendência de alta  
dos preços na fase de realinhamento;

3 — e a decisão de investir na economia Cr\$ 120 bilhões (só trilhões de cruzeiros), do Fundo Nacional de Desenvolvimento (FND).

A fase de implantação destas medidas durará enquanto prosseguir no curto prazo do plano, independentemente de prazos, o que difere do plano do ministro João Sayad, até que os preços estejam realinhados. Calcula-se que até o final deste semestre. Neste prazo, a inflação estaria alcançando índices entre 13 e 14 por cento. No segundo semestre, imaginam André Lara Resende e Périco Arida, haveria uma queda do índice inflacionário para algo em torno de 8 a 9 por cento, o que calculam que seja suportável para o país, a partir daí, empreender medidas de maior alcance.

Os economistas contemplam a possibilidade do fim do "gatilho" salarial depois de cumpridas as três fases, sob a justificativa de que se a inflação for contida tornar-se-á desnecessário o seu disparo, uma vez que será restabelecida a livre negociação entre patrões e empregados, com a garantia de reajustes integrais para as faixas

de renda mais baixas. Também não se faria necessário um novo congelamento de preços, uma vez que eles já estariam realinhados. E eles ficariam num mesmo patamar, a menos que os empresários não aceitassem as regras do jogo.

Fixar metas para a economia, como reivindicam os credores internacionais, é uma tarefa que parece quase impossível a qualquer economista sensato. Ninguém hoje pode calcular o que o possuidor de dinheiro vai fazer de sua poupança. É claro que ele não vai deixar "dormindo" no banco em que tem depósito. Por isto, não adianta ao governo fixar metas monetárias em relação à expansão da moeda. Já em relação à política fiscal, aconselham que o governo envie ao Congresso Nacional um projeto de lei de reforma tributária que vise a fixação de um novo perfil da Federação, com responsabilidades definidas para os governos federal, estadual e municipal.

O esquema visa em suma: conter gradualmente a inflação, reduzir o déficit público e garantir os investimentos para evitar a recessão. O resto é "besteiro", na definição da musa do Plano Cruzado e inspiradora de todos os seus alunos, a professora chorona Maria da Conceição Tavares.